

VOZES FEMININAS NA HISTÓRIA DA IGREJA

WOMEN'S VOICES IN CHURCH HISTORY

VOCES FEMENINAS EN LA HISTORIA DE LA INGLESIA

Sara Silva Pinheiro¹
Daiane Martins Batista²

Resumo

Este trabalho descreve as vozes femininas e seu papel dentro da história da igreja cristã, a vida e o legado de grandes mulheres de Deus que participaram ativamente da história. Grandes esposas, teólogas, pregadoras e influenciadoras, servas fiéis do Deus vivo. Historicamente, observa-se que as mulheres têm constituído a maior parte dos cristãos, mas apesar de serem um número significativo dentro do evangelho e terem realmente ocupado cargos e papéis importantes, que fizeram a diferença para a igreja, por que se escuta falar tão pouco delas? Nas escrituras, as mulheres são por diversas vezes citadas, mas, antes de Jesus e de seu evangelho da graça, o papel feminino se resumia a cuidar dos afazeres domésticos, do esposo e dos filhos, tornando restrito o seu acesso à vida religiosa fora do lar. A figura da mulher era pouco valorizada, por conta disso, esse artigo visa descrever, por meio de uma revisão bibliográfica, com o levantamento de fontes documentais em livros e artigos científicos, o importante papel feminino e os seus feitos e contribuições na linha histórica cristã, mostrando a relevância do despertar das mulheres em meio a uma sociedade com dominação masculina, mas que, conscientes do seu papel, abraçaram as palavras do mestre Jesus e se empenharam em seus ministérios e no reino de Deus. Nota-se, portanto, que apesar da cultura patriarcal predominante desde o primeiro século da igreja até o século XVI ter sufocado as vozes femininas, as mulheres tiveram efetiva participação na eclesía, nos debates teológicos e na educação da sociedade.

Palavras-chave: mulher; história; igreja; Jesus.

Abstract

This work presents an analysis of the contributions of women within the historical context of the Christian Church. It also examines the lives and legacies of notable women of God who have played an active and influential role in shaping the course of history. These women were great wives, theologians, preachers, and influencers, as well as faithful servants of the living God. Historically, it has been observed that women have constituted the majority of Christians. Despite their significant presence within the gospel and their holding of important positions and roles that have made a difference to the church, there is a paucity of information about them. The scriptures make mention of women on several occasions. However, prior to the advent of Jesus and his gospel of grace, the role of women was circumscribed to the care of domestic responsibilities, the husband, and the children. This limited their access to religious life outside the home. The objective of this article is to present a bibliographical review and a survey of documentary sources in books and scientific articles that describe the important role of women and their achievements and contributions in the Christian historical line. This will demonstrate the relevance of the awakening of women in a society with male domination, where they were aware of their role and committed themselves to their ministries and the kingdom of God, embracing the words of the master Jesus. It is evident that despite the patriarchal culture that dominated from the early days of the Church until the 16th century, women were able to make significant contributions to the ecclesia, engaging in theological discourse and influencing the education of society.

Keywords: woman; history; church; Jesus.

Resumen

¹Acadêmica no curso de Bacharel em Teologia no Centro Universitário Internacional - Uninter. E-mail: sarapinho241@gmail.com

²Professora da área de Humanidades da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas no Centro Universitário Internacional - Uninter. E-mail: daiane.b@uninter.com

Este trabalho descreve las voces femeninas y su papel dentro de la historia de la iglesia cristiana, la vida y el legado de grandes mujeres de Dios que participaron activamente en la historia. Grandes esposas, teólogas, predicadoras e influyentes, siervas fieles del Dios vivo. Históricamente, se observa que las mujeres han constituido la mayor parte de los cristianos, pero a pesar de ser un número significativo dentro del evangelio y haber ocupado realmente cargos y papeles importantes, que hicieron la diferencia para la iglesia, ¿por qué se escucha hablar tan poco de ellas? En las escrituras, las mujeres son citadas varias veces, pero antes de Jesús y su evangelio de la gracia, el papel femenino se reducía a cuidar las tareas domésticas, del esposo y de los hijos, restringiendo su acceso a la vida religiosa fuera del hogar. La figura de la mujer era poco valorada, por lo tanto, ese artículo tiene como objetivo describir, por medio de una revisión bibliográfica, con el levantamiento de fuentes documentales en libros y artículos científicos, el importante papel femenino y sus hechos y contribuciones en la línea histórica cristiana, presentando la relevancia del despertar de las mujeres en medio a una sociedad con dominación masculina, pero que, conscientes de su papel, abrazaron las palabras de Jesús y se comprometieron en sus ministerios y en el reino de Dios. Se observa, por tanto, que a pesar de la cultura patriarcal predominante desde el primer siglo de la iglesia hasta el siglo XVI haber sofocado las voces femeninas, las mujeres tuvieron efectiva participación eclesial, en los debates teológicos y en la educación de la sociedad.

Palabras clave: mujer; historia; iglesia; Jesús.

1 Introdução

Visto que as mulheres têm tanta importância na história da igreja, por que se escuta falar tão pouco sobre elas? O historiador presbiteriano Alderi Souza De Matos escreveu no prefácio do livro “Vozes femininas no início do cristianismo”, de Rute Salviano Almeida, o seguinte trecho:

historicamente, as mulheres sempre têm constituído a maior parte dos cristãos, tanto no passado quanto no presente. Todavia, quando são consultados os livros de história da igreja tem-se a impressão de que elas são quase inexistentes nas fileiras cristãs, visto que os personagens retratados são, em sua imensa maioria, do sexo masculino. Muito embora, por diversas razões, os indivíduos mais destacados ao longo dos séculos na liderança da igreja, na reflexão teológica, na pregação e em outras áreas sejam de fato homens, isso não significa que as mulheres não tenham dado contribuições extraordinárias em muitos aspectos valiosos da vida da igreja (Almeida, n.p. 2021).

Apesar das mulheres terem tido papéis importantes e extraordinários na história, elas não são lembradas e valorizadas como a maioria do sexo masculino. Nas comunidades locais e entre seminários de cursos teológicos aparecem pouquíssimos (ou quase nenhum) nome feminino. Entretanto, o que seria de Jonh Wesley sem a sua mãe, Susana Wesley, que se dedicou e educou o filho para a glória de Deus? Ou ainda, o que seria dos judeus, durante o período da segunda guerra mundial, sem Corrie Ten Boom, quem os abrigou em sua casa e, quando levada ao campo de concentração, evangelizou e pregou para vários judeus às escondidas dos soldados nazistas. E Charles Spurgeon, o que ele faria sem Susana Spurgeon, sua amada esposa, que além de uma leitora nata era ativa no ministério entre as mulheres na sua congregação e fundadora do “fundo para socorro de Pastores”, uma ajuda financeira a pastores necessitados.

Para além dos exemplos supramencionados, vale destacar ainda o nome de Catarina de Von Bora, a “estrela da manhã de Wittenberg”, do ilustre Martinho Lutero. Esse encontrou em sua esposa grande ajuda para o seu ministério por meio da determinação, dos dons empresariais e da força, características de Catarina, para cuidar dos filhos, hóspedes e da fazenda onde residiam. Essas mulheres extraordinárias, além de outras que não foram citadas, principalmente pela falta de ensino e de matérias sobre as mulheres na história, têm seus legados e ensinamentos cada vez mais apagados na comunidade cristã.

Em função disso, esse artigo tem como objetivo geral apontar a importância do papel feminino e demonstrar suas contribuições para o desenvolvimento da história da igreja, trazer a luz vozes que por muito tempo foram escondidas e silenciadas. Pretende-se, portanto, analisar as biografias dessas mulheres extraordinárias, a fim de compreender como foi sua infância, casamento, filhos e seus serviços ao Senhor, além de relatar o contexto histórico e social em que essas mulheres viviam e concluir como isso afetou o seu serviço e devoção a Cristo.

O historiador contemporâneo Martin Norbert Dreher diz que “estudar história da igreja é comemorar, é buscar a memória cristã de cada um. Por quê? Porque Deus entrou na história, atuou na história e está levando a história a um alvo” (Dreher *apud* Almeida, 2021, p. 15). Essa frase declarada é digna de confiança nessa entusiasta comemoração da busca pela história de cada um. Dentro desse contexto, deve-se estudar, pesquisar, escrever e anunciar a participação feminina dentro da história do cristianismo, pois quando não se escreve sobre as mulheres, deixa-se de lado os feitos de grande parte dos cristãos, já que as mulheres têm constituído a maior parte deles no decorrer da história. Portanto, não documentar a participação de vozes femininas é silenciar boa parte da história do povo de Deus.

A mestre em teologia, pós-graduada em história do cristianismo e autora de diversos livros sobre a história das mulheres no cristianismo, Rute Salviano Almeida, em seu discurso de posse como membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil, fez uma declaração de deixar qualquer ouvinte atônito. Segundo ela, como professora durante anos em seminários teológicos, jamais fez menção a uma mulher em sala de aula. Sempre, os nomes que citava de grandes pensadores, reformadores, escritores e personagens de influência para a construção da história e a formulação do conhecimento do cristianismo foram de pessoas de sexo masculino. Entretanto, sabe-se, que boa parte das raízes cristãs existentes atualmente são fruto de ambos os sexos, feminino e masculino (Almeida, 2023). Rute Salviano sentiu-se confrontada por essa triste realidade e lançou-se ainda mais a resgatar e trazer a luz as memórias das servas de Deus. Salviano está inserida entre as poucas mulheres cristãs teólogas e filhas do Eterno que se posicionam e buscam por sua herança deixada pelas mulheres que marcaram a história cristã.

Um pequeno trecho de “Defesa das mulheres”, de Maria Dentiére, em sua epístola muito útil, escrita à Rainha Margarida de Navarra (1539), diz que “várias mulheres são citadas e elogiadas nas Sagradas Escrituras, tanto por sua boa conduta, suas ações, e seu exemplo quanto por sua fé e seu ensino[...]” (Dentiére, 1539 *apud* Almeida, 2021, p. 194).

A Bíblia é a principal obra que deve ser estudada para a discussão da história da igreja cristã, uma vez que nela estão descritos os primeiros passos do desenvolvimento do povo de Deus. Ao observar as Escrituras Sagradas, nota-se que Jesus revela a importância das mulheres e o seu amor e respeito por elas, evidenciando que ambos os sexos (masculino e feminino) são criados para a eternidade e ambos tiveram, e tem, papel fundamental a serviço do reino de Deus pai, criador e soberano sobre toda criação.

O artigo apresenta trechos da história de vida de mulheres que serviram ao Eterno com firmeza, utilizando suas mentes brilhantes, almas e corpos, lutando sozinhas ou ao lado de seus esposos e filhos. Mulheres que deixaram um legado de serviço exemplar a igreja, vozes femininas em diferentes pontos da história cristã que deixaram uma herança rica de fé, força, coragem e paixão ardente pelo Deus criador.

A partir de uma pesquisa bibliográfica realizada principalmente por meio de consultas a livros e artigos científicos (Gil, 2002), o presente artigo visa relatar a história de algumas mulheres e suas contribuições para o cristianismo. Inicialmente, a observação se dará pelas mulheres nas escrituras, utilizando o novo testamento, testemunhando a importância dada por Jesus às mulheres. Em seguida, estuda-se as mulheres na era da igreja primitiva, mulheres mártires que morreram com glória por amor a Cristo. No terceiro momento, o artigo se debruça sobre as mulheres que iluminaram o período medieval e, finalmente, sobre as mulheres reformadoras que brilharam e abraçaram a reforma protestante, auxiliando, a sua maneira, para melhor cooperação ao reino. Dessa forma, valendo-se desses períodos importantes que marcaram a história da igreja, busca-se formular uma ideia de como as mulheres tiveram participação no cristianismo.

2 Metodologia

Este artigo tem como objetivo primordial explicar e esclarecer o papel feminino dentro da história do cristianismo, aprimorando as ideias, fundamentando o assunto abordado no artigo em questão. Para tanto, utiliza-se uma abordagem qualitativa que “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados” (Apollinário, 2004, p. 151). Em uma pesquisa qualitativa,

(...) a interpretação do pesquisador apresenta uma importância fundamental. Afinal, não se trata apenas de um conjunto de informações fechadas cujo valor numérico é o único aspecto a ser levado em consideração, devido à própria natureza do fenômeno investigado (Menezes *et al.*, 2019. p. 29).

Para o tratamento do objeto dessa pesquisa, realizar-se-á uma revisão da literatura relacionada à temática, recorrendo a livros e artigos científicos de autores consagrados no tema. Portanto, quanto à natureza das fontes usadas, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que é realizada “(...) a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (Severino, 2013. p. 105). Ainda, de acordo com Severino (2013), na pesquisa bibliográfica faz-se o uso de dados ou categorias teóricas trabalhadas anteriormente por outros autores, constituindo os textos, então, como fontes dos temas pesquisados.

Conforme aponta Gil (2002, p. 45), a pesquisa bibliográfica “(...) é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”. A revisão bibliográfica, portanto, mostra-se adequada ao objeto desse artigo, uma vez que se busca um resgate da história de mulheres que contribuíram, cada uma ao seu modo, ao longo da trajetória do cristianismo na história.

Nesse sentido, o presente artigo realiza um levantamento dos registros de autores respeitados que trouxeram a lume a história e as realizações de grandes mulheres que tiveram papel fundamental para o desenvolvimento e expansão do cristianismo. Destacam-se entre esses autores Almeida (2021), Almeida e Pinheiro (2021), Tucker (2017) e Fiorenza (1992), que ajudaram a conhecer as biografias de mulheres que participaram e influenciaram nos primórdios e ao longo da história cristã.

3 Revisão bibliográfica/ Estado da arte

3.1 As mulheres e sua participação no novo testamento

Dentro do contexto social, apresentado no Novo Testamento, nota-se a ausência da participação da mulher na vida pública (Pereira, 2021). Como destaca Hoornaert (2016), a mulher tinha o seu espaço limitado na vida social e religiosa, com submissão total ao homem, ficando restrita à realização de atividades domésticas. Apesar de ser a responsável pela educação dos filhos, no que concerne as questões religiosas, tinha uma posição inferior ao homem. (Fiorenza, 1992).

“As mulheres tinham seus lugares separados no templo, nas sinagogas, e em suas próprias casas não podiam se sentar à mesa durante as refeições. Enquanto os homens comiam,

elas deveriam servir a mesa” (Pinto; Artuso, 2013, p. 3). Apesar disso, deixaram um legado, sendo possível identificar as marcas deixadas por elas, as quais ficaram registradas no Novo Testamento, que apresenta várias mulheres como seguidoras de Jesus e influentes no desenvolvimento da igreja primitiva.

As mulheres estavam presentes desde o início da vida de Jesus, como apóstolas, discípulas, evangelizadoras e cuidadoras, sendo importante destacar que em nenhum momento Jesus as discriminou, pelo contrário, aceitou a participação delas, valorizando as habilidades femininas (Pereira, 2021).

No momento da morte de Jesus, elas também não o abandonaram. “Estavam ali muitas mulheres, observando de longe, eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem, entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu” (Bíblia Sagrada – Nova Almeida Atualizada, Mateus, cap. 27, vers. 55-56).

Jesus demonstrou amor e compaixão pelas mulheres, além de respeito, um exemplo disso é apresentado na passagem da mulher samaritana, em João 4 (Bíblia Sagrada – Nova Almeida Atualizada), quando ignorou as regras sociais do seu tempo, quebrou paradigmas, escolheu passar em Samaria para salvar uma mulher pecadora e lhe dar a “água viva”, oferecendo a ela perdão, redenção e uma nova vida. Depois desse encontro, a mulher samaritana se tornou uma missionária, levando o evangelho a outras pessoas (Pereira, 2021).

No Novo Testamento são apresentadas várias mulheres que foram importantes na vida de Jesus, entre elas, a sua própria mãe e várias outras que se tornaram suas discípulas, como Maria Madalena, Maria de Betânia. Sendo que isso ocorreu em um tempo em que o machismo predominava, mas Jesus deu um exemplo diferente dos homens da sua época, valorizando as mulheres e respeitando cada uma delas (Pereira, 2021).

Em Atos 17:4 o autor cita: “Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres” (Bíblia Sagrada – Nova Almeida Atualizada, Atos, cap. 17, vers. 4). O que se pode deduzir nessas citações sobre as mulheres é que elas tiveram um papel muito importante nas comunidades fundadas por ele, as quais também marcaram o início da Igreja, sendo testemunhas, juntamente com os apóstolos, da Presença do Espírito Santo. A Escritura conta sobre Lídia, a primeira pessoa a se converter em Filipos e que foi uma mulher temente a Deus, com um coração disposto a servi-lo da forma que lhe agradava. Após seu encontro com Paulo, anunciou a todos de sua casa a sua fé e toda a sua família se converteu e se rendeu ao Senhor. Após isso, abriu as portas de sua casa para a propagação da palavra de Deus.

Em Romanos 16, o apóstolo Paulo cita Febe, dizendo: “Recomendo-lhes a nossa irmã Febe, que está servindo na igreja de Cencreia, para que vocês a recebam no Senhor como convém aos santos e a ajudem em tudo o que de vocês vier a precisar; porque ela tem sido protetora de muitos, inclusive de mim.” (Bíblia Sagrada – Nova Almeida Atualizada, Romanos, cap. 16, vers. 1-2).

Em Atos 9:36, Lucas cita o papel de Dorcas na obra do Senhor: “Havia em Jope uma discípula por nome Tabita, nome este que traduzido, quer dizer, Dorcas; era ela notável pelas boas obras e esmolas que fazia.” (Bíblia Sagrada – Nova Almeida Atualizada, Atos, cap. 9, vers. 36). Esses são exemplos de servas fiéis que tiveram voz ativa no reino de Deus. A Bíblia Sagrada relata e apresenta a mulher com um importante valor e o quanto o seu posicionamento em prol do Reino de Deus é precioso, afinal as mulheres estavam presentes desde os primeiros passos dados pela igreja cristã.

3.2 Igreja primitiva / início do cristianismo e a participação feminina

3.2.1 A sociedade Romana e as mulheres.

A mulher era definida pelas leis romanas, não como pessoa, mas como objeto. Era tratada como escrava do homem e não como sua companheira e amiga; era comprada, comercializada, vendida, desposada e separada sem misericórdia dos seus filhos. Sofria abusos físicos, psicológicos e tentativas frequentes de homicídio pelos seus maridos, era tratada como um ser inferior na sociedade e ridicularizada por seus companheiros em público. Eram tratadas apenas como fábricas reprodutoras, elas eram para os homens romanos, necessárias apenas para a propagação da espécie humana (Almeida, 2021).

A idade escolar começava aos seis ou sete anos. As meninas ricas tinham aulas particulares, em casa, onde aprendiam a ser graciosas com aulas de música e de dança. Aos doze anos, a vida dos meninos e das meninas se separavam, somente os meninos continuavam a estudar, sob um chicote de um gramático ou professor, já as meninas não tinham tempo para a atividade escolar pois já poderiam ser dadas em casamento. Aos quatorze anos eram adultas e aquela que, aos dezoito anos, ainda não fosse casada era considerada, em Roma, uma solteirona (Almeida, 2021).

Quando chegava a idade de se casar, seus sentimentos pouco importavam, tanto para os pais quanto para o esposo; ao filho cabia manter o nome da família, a filha cabia concretizar uma aliança matrimonial conveniente (Almeida, 2021). Os pais romanos esforçavam-se para

encontrar bons partidos para suas filhas e muitos negociavam os noivados quando a filha ainda era uma criança.

3.2.2 O papel feminino na igreja e a perseguição

A mulher impressionou profundamente a sociedade antiga ao ser evangelizadora, pois o cristianismo agia e se espalhava rapidamente por todos os lugares, demonstrando a igualdade de todos os humanos diante da salvação em Cristo Jesus. Para Deus e seus fiéis seguidores, todos eram iguais aos olhos de Deus. O cristianismo logo chamou a atenção das mulheres, fossem elas nobres, pobres, escravas ou livres (Almeida, 2021).

Mulheres da nobreza, como Flavia Domitilia, foram castigadas por sua fé. O imperador Domiciano, em represália a sua conversão, mandou matar seu marido no final do primeiro século e a exilou (Almeida, 2021). Muitas cristãs primitivas entregaram seus corpos ao martírio e consideravam que ser cristã era sua própria essência.

Durante trezentos anos, o império Romano moveu perseguições contra os cristãos. Os diversos tipos de castigos, a intensidade dos suplícios e a crueldade dos algozes causaram a morte de muitos inocentes que seguiam Jesus e não negavam sua fé. Tertuliano, um dos pais da igreja afirmou que: “o sangue dos mártires era a semente dos cristãos” (Almeida, 2021). As mulheres arrumavam-se para enfrentar a morte e acreditavam que aquele dia seria o dia mais feliz de suas vidas, pois não seria o final, mas o início da vida eterna. Essas mulheres foram portadoras de uma grande fé em Deus.

3.2.3 Nomes de grandes mártires e grandes mestras

Entre mártires e mestras, pode-se citar algumas mulheres que sofreram perseguições, sendo martirizadas, mas que foram esquecidas na história, afinal, viveram em um tempo em que se predominou a dominação masculina, no qual a mulher era colocada em segundo plano.

Blandina que foi levada até o coliseu romano para ser despedaçada por feras por sua fé, foi atacada por açoites, feras e queimada por chama; por último foi atacada por um touro, que a lançou para o alto e a matou (Almeida, 2021). Felicidade e seus setes filhos, que viveram no segundo século da era cristã, foram ameaçados com torturas, mas se mantiveram firmes em sua fé. Tanto Felicidade quanto seus filhos responderam às acusações do público com maturidade e a certeza de quem era o Deus vivo a quem serviam. Felicidade e seus sete filhos morreram com um sorriso no rosto, esbanjando alegria por se entregarem a Cristo Jesus (Almeida, 2021).

Nesse período da história, as mulheres não ficaram restritas somente aos mártires, mas também tiveram voz no ensino como teólogas e mestras. Marcela foi um grande exemplo, nascida no seio de uma das famílias mais prestigiadas em Roma, seu esposo faleceu após sete meses de casamento, deixando Marcela viúva aos dezessete anos. Ela transformou sua casa não somente em uma comunidade de mulheres cristãs, mas também em um tipo de faculdade para mulheres onde podiam estudar as Escrituras e teologia. Marcela ensinou muitos homens também, os quais hospedavam-se em sua casa. Um ilustre hóspede foi Jeronimo, um dos pais da igreja. Jeronimo foi mentor e grande amigo de Marcela, passavam horas e horas conversando, trocando experiências e debatendo sobre as Escrituras Sagradas (Almeida, 2021).

Jeronimo dizia que “a insaciável curiosidade intelectual é o que há de mais admirável em Marcela”. Marcela conhecia grego e adquiriu reputação por sua exegese bíblica detalhada e literal. Discipulou diversas mulheres, muitas pobres sem moradias que recebiam apoio em sua casa e muitas da nobreza romana, incluindo Paula e Eustóquia (mãe e filha), ambas tinham mentes brilhantes, fluentes em grego e hebraico, de modo que liam a Bíblia em suas línguas originais (Almeida, 2021).

Paula e Eustóquia se tornaram secretárias de Jeronimo em Jerusalém, em que Paula construiu três monastérios para mulheres e um para homens. Ela era responsável pelas comunidades femininas e Jeronimo pela masculina. Em suas comunidades eram recebidas diversas mulheres de todas as classes sociais (Almeida, 2021).

3.3 Mulheres que iluminaram a idade das trevas

3.3.1 Como era vista a figura feminina

A época medieval, tanto a alta idade média quanto a baixa vivenciaram uma cristandade católica romana exclusiva. As práticas religiosas, tais como: penitências, flagelos, salvação por obras, confissões, orações por mortos, veneração dos santos, entre outras, eram ditadas pela única igreja cristã existente no Ocidente. Na baixa idade média, o misticismo medieval provocava interpretações errôneas a respeito das Escrituras. Segundo alguns historiadores, a palavra “mística”, quando aplicada às mulheres, era substituída pela palavra “teologia”; portanto, em vez de serem chamadas de teólogas, mulheres foram chamadas de místicas (Almeida, 2023).

O mais transgressor dos pecados, o pecado original da queda do homem em Gênesis 3, foi atribuído totalmente à mulher, em uma interpretação errônea, pois ambos tinham culpa. O

pecado de Gênesis, tornou-se na idade média um pecado sexual; a mulher que se tornou culpada por esse pecado, ocupou o lugar inferior, pois tem o corpo como base (Geverh; Souza, 2014).

A mulher paga com sua própria carne o pecado que foi transformado pelos clérigos em pecado sexual. A mulher então era considerada uma Eva, uma serpente, uma maldição, um sujeito de tentação ao mal (Almeida, 2023). Nas regiões bárbaras, a mulher era propriedade do homem, pois fora comprada por ele.

Até o século XIII, nos reinos que ocupavam os territórios das atuais Alemanha e Noruega, o homem tinha o direito de até mesmo vender seus filhos e sua mulher. As solteiras ficavam sob a tutela de sua família até a idade da maturidade que era por volta dos 25 anos. As moças casavam-se jovens e precoces, eram comprometidas aos 12 anos, casavam-se aos 15 anos. A mulher se ocupava no cuidado ao gado, campo, casa, educação dos filhos e o cuidado especial para com o marido, administrava os servos e os escravos, além de alimentar e cuidar de toda a família (Geverh; Souza, 2014).

O cristianismo então deu à mulher a possibilidade de ser independente espiritualmente e se tornar mais do que filha, esposa, ou mãe de alguém. Além disso, o cristianismo lutou pela defesa de casamentos monogâmicos, valorizando a mulher como única esposa. Entretanto, a vida eclesial também tinha seus desafios, o preconceito com o sexo feminino permeou todas as épocas, grupos e classes sociais e as mulheres foram impedidas de falar, ensinar e de exercer liderança religiosa nas congregações. Nesse contexto, mulheres de Deus se levantaram, sem medo, com sua fé em Cristo Jesus. Apesar da dificuldade, suas vozes foram ouvidas e escritas (Almeida, 2023).

Diante de nomes de mulheres fortes na época, como: Duoda de Septímania, mãe, educadora e escritora, Rosita de Gandersheim, uma dramaturga e poetisa pela graça de Deus, entre outros nomes, destaca-se como principal a majestosa Rainha Clotilde, que conduziu seu bárbaro marido pagão aos braços do Eterno pai.

3.3.2 Uma rainha evangelizadora, Clotilde de Borgonha

O rei merovíngio de tribo francesa chamado Clovis, quis tomar como segunda esposa Clotilde, uma cristã filha do rei da Borgonha. Clotilde viveu uma infância triste, seu tio matou seus pais e seus irmãos, assumiu o trono deixando viva apenas Clotilde, uma menina extremamente bela que foi educada por uma tia no cristianismo tradicional.

Aos 19 anos, a princesa de Borgonha casou-se com Clóvis, o bárbaro rei pagão do povo franco. A rainha Clotilde anunciou Jesus Cristo ao seu marido pagão e o influenciou a conduzir

o povo de uma forma menos bárbara. Ao mesmo tempo que era forte, a rainha era doce, piedosa e caridosa, amava ajudar os pobres e todos ao seu redor a louvavam. Era uma cristã fiel, constantemente argumentava e exortava seu marido à conversão, Clotilde admoestara ao rei e, mais importante, conseguia impor sua vontade, não apenas por ser sua esposa, mas acima disso por ser cristã (Almeida, 2023).

Depois da perda trágica de dois filhos, Clotilde e Clovis tiveram três filhos: Childeberto (497), Clotário (498) e uma filha chamada Clotilde (c. 500). Todos foram batizados e chegaram a fase adulta. Quando Clovis chegava de suas batalhas, Clotilde ia à igreja agradecer a Deus e não ao templo pagão que o marido frequentava. No ano de 496, os álamos, uma tribo germânica, invadiu as terras do rei da colônia aliado de Clovis. A luta foi feroz e durou várias horas, o massacre foi violento e o exército de Clovis estava prestes a ser aniquilado. Clovis apavorado começou a pedir ajudar aos seus deuses, mas não recebeu auxílio algum. Então, lembrou-se do Deus de Clotilde, caindo de joelhos suplicou ao Deus da esposa. O milagre logo aconteceu, em instantes a oração de Clovis foi respondida e uma flecha de um soldado franco atingiu e matou o chefe dos álamos e fez que sua vantagem fosse revertida. Ali, era o início da semente plantada no coração de Clovis germinando. Naquela mesma tarde ele a escreveu dizendo que queria ser batizado, isso logo aconteceu quando Clovis chegou da batalha, para alegria e emoção de Clotilde. A rainha Clotilde unificou toda a Gália e a tornou cristã, tendo expulsado os visigodos arianos do Sul em 507 (Almeida, 2023).

Em uma realidade social em que mulheres praticamente não tinham voz e os documentos eram produzidos por homens que desprezavam a condição feminina, o reconhecimento da importância da Rainha Clotilde demonstra a relevância de sua atuação no âmbito social, como rainha, mãe, esposa e acima de todos os seus cargos, como serva do único e verdadeiro Deus (Almeida, 2023).

3.4 Mulheres reformadoras

3.4.1 A mulher na reforma protestante

A reforma protestante teve seu início em 1517, pelo monge agostiniano Martinho Lutero que estava insatisfeito com algumas práticas e questões teológicas defendidas pela igreja católica. Lutero deu seu ponto de partida por meio da divulgação das 95 teses, que rapidamente se espalharam pela Europa e deram origem ao protestantismo. Homens e mulheres de toda condição social, pertencentes à nobreza e à incipiente burguesia, e até mesmo ao campesinato,

abraçaram com entusiasmo os ideais da reforma e foram os principais agentes desse movimento (Almeida; Pinheiro, 2021).

A maior parte dos historiadores modernos que tratam da reforma raramente mencionam as mulheres, e são poucos os estudos sociais que tentam avaliar o papel feminino nas mudanças do século XVI. Uma hipótese se levanta para completar essa lacuna: as mulheres daquela época não se interessavam por teologia, portanto, não seria relevante falar sobre elas. Mas, se as mulheres realmente participaram do movimento, por que não são citadas e elogiadas e suas histórias de vida não são conhecidas? A resposta é simples, porém revoltante (Almeida; Pinheiro, 2021).

Desde os primórdios do cristianismo, a mulher era considerada uma “Eva”, aquela que levou o homem a pecar e causou sua queda. Ela seria incapaz intelectualmente, mas débil fisicamente e mais propensa as tentações sexuais. Assim, para os autores da história, não era relevante escrever sobre pessoas que não tinham capacidade racional, destacando que as mãos que relataram e escreveram sobre a história, e sobre a reforma foram mãos masculinas e muitos pertencentes ao clero da igreja, portanto, a participação feminina ficou de fora.

Diferente do que muitas pessoas acreditam, a reforma não modificou o papel tradicional da mulher, limitado as tarefas domésticas, a educação dos filhos e o silêncio na igreja, contudo, o compromisso religioso se desenvolveu por meio da leitura bíblica, o qual abriu a porta da educação (Almeida; Pinheiro, 2021).

Em uma era conturbada, de confusão espiritual, enfermidade moral e depravação sexual, as vozes femininas se ergueram para defender o sacerdócio universal de todos os crentes e, assim, provar que mesmo não havendo qualquer cuidado em guardar suas cartas, seus escritos e suas histórias, elas existiram, acreditaram e defenderam a fé cristã. Esposas de reformadores, rainhas, escritoras, humanitárias, guerreiras, mães e mártires, múltiplos papéis femininos dentro da reforma, porém, acima de tudo, foram mensageiras do evangelho de Cristo.

Muitos nomes femininos enriqueceram e tiveram papéis extraordinários durante o período da reforma, tais como: Catarina Parr, Anne Askew, Catarina Zell, Idelette de Bure, Jane Grey entre outras. Para o presente artigo, serão destacadas duas reformadoras: Catarina Von Bora, a primeira-dama da reforma e Argula Von Grumbach, uma verdadeira reformadora apologeta. Cada uma abraçou a reforma do seu jeito, e serviu de sua maneira ao reino de Deus com alegria e disposição (Almeida; Pinheiro, 2021).

Considerada a primeira mulher reformada da Europa e uma verdadeira apologeta, Argula defendeu veementemente a reforma e seus promotores. Entrou para a história como a pioneira da literatura escrita por mulheres no protestantismo. Argula Von Stauff nasceu perto

de Regensburg, em 1492, sua família era formada por líderes proeminentes da nobreza bávara. Ainda menina, aprendeu a ler e escrever e, aos 10 anos, recebeu uma Bíblia de presente do seu pai com a recomendação que estudasse com dedicação. Ela não o fez de imediato, desaconselhada por monges franciscanos que achavam que a leitura seria confusa para uma criança. Ao descobrir os escritos reformadores, que remetiam as escrituras, passou a lê-las ininterruptamente, chegando a decorar trechos bíblicos e ser conhecida como uma “bíblia alemã ambulante” (Almeida; Pinheiro, 2021).

A adolescência de Argula foi trágica, em 1509 seus pais morreram de peste negra, seu tio Jeronimo passou a ser o seu tutor, o qual era uma figura de muita importância na corte, mas acabou sendo desonrado em um escândalo político. Em 1516, Argula casou-se com Frederico Von Grumbach, com quem teve quatro filhos. Seu marido era um católico que se contentava com a igreja papal (Almeida; Pinheiro, 2021).

Em um dos seus escritos, Argula afirmou: “Geralmente me chamam de Luterana, mas eu não o sou. Eu sou batizada no nome de Cristo, a quem eu confesso, e não confesso Lutero”. Argula foi considerada pela igreja luterana uma adepta da reforma desde seus 10 anos, por sua vocação para os assuntos espirituais (Almeida; Pinheiro, 2021). Quando casada, além dos cuidados com a casa e os filhos, lia a Bíblia e se correspondia com os reformadores, até mesmo com Lutero, que a admirava pela potencialidade teológica, fé e coragem.

Argula se tornou a primeira panfletista da reforma ao se aprofundar na doutrina bíblica, mesmo sendo leiga e mulher. Tudo começou com uma polêmica com a universidade de Ingolstadt. A corajosa Argula ficou sabendo que a instituição havia condenado o professor Arsacio Seehofer por divulgar as ideias reformistas. As autoridades proibiram a recepção das doutrinas luteranas e a cidade cumpriu esse mandato, por isso, em 1523, o jovem professor foi acusado de heresia e preso por suas opiniões protestantes. Argula escreveu uma carta pública para a universidade, defendendo Arsacio, Lutero e Melanchthon e desafiando os professores a um debate público. Era um fato inédito, uma mulher se intrometer em política e religião (Almeida; Pinheiro, 2021).

Na sua longa carta, Argula citou mais de oitenta textos bíblicos e fez comparações teológicas. Por ter seu pedido negado pela reitoria da universidade, Argula publicou seus textos como cartas panfletárias. Estima-se que foram produzidos mais de trinta mil exemplares em apenas oito meses. O poder político reagiu aos escritos de Argula e, por consequência, seu esposo Frederico perdeu o emprego. Frederico discordava das ideias da esposa e chegou a receber a possibilidade de ser perdoado ante a lei se a matasse (Almeida; Pinheiro, 2021). Em

1530 Frederico morreu, e Argula se casou novamente, em 1533, com o conde Von Schlick, que apoiava ardentemente a reforma e o trabalho de Argula.

Seus últimos anos de vida foram muito difíceis, com a perda do segundo marido e de seus três filhos, suas cartas/panfletos ajudaram a divulgar o movimento reformador na Baviera. Levando em conta que foram lidos em voz alta para uma sociedade analfabeta, seu alcance foi muito além dos exemplares distribuídos, pois foram considerados escritos teológicos de alguém com conhecimento inegável, e o pastor e teólogo Balthasar Hubmaier, seu contemporâneo, afirmou: “Argula sabe mais da palavra divina do que os chapéus vermelhos (canonistas e cardeais) nunca conseguiram conceber” (Almeida; Pinheiro, 2021).

Em 2005, a igreja evangélica luterana da Baviera criou a fundação Argula Von Grumbach- Stiftung, que promove a igualdade de direitos de homens e mulheres na instituição. Dessa forma, ela continua a ser lembrada pela coragem, ousadia e forte fidelidade as escrituras. (Almeida; Pinheiro, 2021). Outra mulher importante na Reforma, foi a esposa de Martinho Lutero. De acordo com Corina (2017):

A história de Catarina se inicia na pequena aldeia de Lippendorf. Catarina nasceu no dia 29 de janeiro de 1499, filha de uma família nobre empobrecida. Perdeu sua mãe quando ainda era criança, e por esse motivo aos 6 anos de idade foi levada pelo pai ao convento beneditino em Landsberg para que assim recebesse uma boa educação (Corina, 2017, p. 74).

Assim, Catarina viveu no convento até o período em que foi influenciada pelas ideias da reforma, despertando nela o desejo de sair do convento, inclusive, implorou para partir, mas a madre superiora não permitiu, assim, a fuga tornou-se sua única opção. Diante disso, ela e algumas companheiras fugiram, utilizando uma carruagem puxada por cavalos, com a possibilidade de se esconder entre os barris de arenque. (Tucker, 2017).

Após sua fuga, Catarina passou por algumas dificuldades, inclusive, teve um envolvimento amoroso em que foi abandonada, mas, posteriormente, acabou se envolvendo com Lutero, com quem se casou. O casamento escandaloso foi muito malvisto pela igreja católica, redundando em muitos insultos a Lutero, afinal era um matrimônio realizado entre uma ex-freira e um ex-monge. Em pouco tempo de casados, o primeiro filho foi concebido, e logo após mais cinco filhos, totalizando seis (Almeida; Pinheiro, 2021).

Catarina cuidava de sua casa de forma incansável, administrando e organizando, cuidando dos filhos, sendo fundamental na vida de Lutero. Ela administrava também a parte rural de sua plantação e gado, além de cuidar dos animais e dos demais interesses da família (Corina, 2017).

Almeida e Pinheiro (2021) afirmam que Catarina

não se envolveu diretamente com a reforma, não reivindicou o direito das mulheres à pregação e nem enviou cartas ousadas para os líderes da igreja romana, no entanto foi um grande exemplo de esposa auxiliadora, comparável à mulher virtuosa de provérbios 31. [...] A companheira de Lutero deixou o exemplo de uma mulher cristã e, ao desempenhar seu papel com amor e dedicação, auxiliou o reformador em seu trabalho, deixando frutos que permanecem até os dias de hoje (Almeida; Pinheiro, 2021. p. 130-131).

4 Considerações finais

Considerando as pesquisas realizadas, é possível identificar que a presença das mulheres desde a antiguidade tem sido fundamental, com destaque no período da Reforma Protestante. A atuação ativa das mulheres possibilitou uma nova visão sobre a forma de propagar a palavra de Deus, utilizando as suas habilidades, em parceria com os homens, cada um exercendo o seu propósito.

As mulheres foram redimidas por Cristo para viverem e cumprirem seu importante papel na sociedade e no Cristianismo, independente dos papéis ou momentos históricos. Ao longo da história cristã, as mulheres sempre estiveram presentes, ajudando, aconselhando, escrevendo, pregando e participando da jornada da igreja cristã. Existe um legado de maturidade espiritual das mulheres na história da igreja. As mulheres que atuaram ao longo da história fazem parte dessa herança cristã, que é um legado do povo de Deus deixado para a igreja de hoje.

Apesar das contribuições teológicas das mulheres para o desenvolvimento da igreja, o estigma da época associava a culpa pelo pecado e a depravação do homem à figura de Eva, fazendo com que todas as mulheres fossem responsabilizadas pelo pecado, o que as tornava desvalorizadas. Em um contexto em que os homens dominavam os debates teológicos e os seminários, as mulheres eram vistas como intelectualmente inferiores. Aqueles que optaram por estudar teologia eram considerados masculinos, o que faziam com que fossem malvistas e difamadas pela sociedade.

Dessa forma, esse artigo busca enfatizar a importância das mulheres, não apenas ao longo da história cristã, mas também no cristianismo atual. Destaca a necessidade de mulheres dispostas a se aprofundar nas Escrituras Sagradas, a estudar suas raízes e a conhecer as grandes mulheres de Deus do passado, sua força, determinação, fé e paixão por Jesus. A inclusão das mulheres no contexto cristão e religioso precisa ser constantemente revisitada para que não caia no esquecimento. Para que a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo seja eficaz, como foi nos primeiros tempos do cristianismo, é fundamental que homens e mulheres trabalhem juntos, em

unidade, cumprindo seus papéis na obra de Deus. Assim, todo esforço será valorizado, e o reino de Deus será rapidamente expandido. Tanto homens quanto mulheres foram criados para a glória de Deus, aquele que reina eternamente, permanecendo fiel e soberano sobre toda a criação.

Referências

ALMEIDA, R. S. **Vozes femininas no início do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2021.

ALMEIDA, R. S. **Teólogas da igreja medieval**. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

ALMEIDA, R. S.; PINHEIRO, J. S. **Reformadoras**: mulheres que influenciaram a reforma e ajudaram a mudar a igreja e o mundo. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

APOLLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada. Edição de Estudo. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CORINA, T. Catarina Von Bora, a primeira-dama da reforma. **Graça em flor**. 2017. Disponível em: <https://gracaemflor.com/cataarina-von-bora-primeira-dama-da-reforma/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FIorenza, E. S. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEVEHR, D. L.; SOUZA, V. L. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoti, RS, v. 2, p. 113-121, 2014. DOI: 10.55602/rlic.v2i1.38. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/31>. Acesso em: 21 nov. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

HOORNAERT, E. **Origens do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.

MENEZES, A. H. N. *et al.* **Metodologia científica**: teoria e aplicação na educação à distância. Petrolina: Univasf, 2019. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/univasf-publica-livro-digital-sobre-metodologia-cientifica-voltada-para-educacao-a-distancia/livro-de-metodologia-cientifica.pdf/view>. Acesso em: 23 set. 2024.

PEREIRA, M. O papel das mulheres na história cristã. **Unina**, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://ri.unina.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/176/1/O%20PAPEL%20DAS%20MULHERES%20NA%20HIST%C3%93RIA%20CRIST%C3%83.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

PINTO, S. S. P. F.; ARTUSO, V. A condição das mulheres nos tempos de Jesus e sua inclusão como participante do Reino sob a perspectiva Joanina. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 2, n. 2, p. 02-09, 2013. DOI: 10.5380/rt.v2i2.35565. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35565>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 23 set. 2024.

TUCKER, R. **A primeira-dama da reforma**: a extraordinária vida de Catarina Von Bora. Tradução: Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.